

enfim, do vocabulário, em cada país, é dentro de cada país, em cada região. Um método de classificação ordenada da matéria revelador da destreza científica de Pop, facilita suavemente a compreensão das informações e o estilo claro e correto ao mesmo tempo, é o máximo que se pode exigir em trabalhos desta natureza. Se alguma observação pode a crítica fazer é a preocupação "prática" que parece hostilizar o gosto contemporâneo pela digressão filosófica, mas Pop, foi e é um educador e sabe no que ater-se quanto a princípios de dialética e de retórica. Tão pouco está a obra isenta de uma séria objetividade analítica, e a crítica acompanha em várias ocasiões a crônica de trabalhos e métodos. Possivelmente o rigor do analista, sobretudo na segunda parte da obra, torna conciso demais o quadro das referências, mas de outro lado comprehende-se bem que a obra alcançaria proporções que não se poderiam encerrar em dois volumes e tornar-se-ia muito menos sugestiva, ficando apenas como obra de consulta e sem esse espírito vivaz que, a meu ver, a caracteriza.

LUIS AMADOR SANCHEZ.

VINCENT (Abade C.). — *Théorie des Genres Littéraires*. 20.<sup>a</sup> edição. París. 1948.

Na altura em que estamos do terreno da arte literária, já se faz mister uma renovação, não só do estudo da literatura no Colégio, mas das obras didáticas que para esse objetivo se destinam. O que vem acontecendo com o ensino da literatura nos nossos colégios não é um fenômeno típico: o mal também é vigente nas escolas da França. No prefácio de sua *Théorie des Genres Littéraires*, o abade Vincent confirma essa defeituosa orientação literária que levam os bachareis para os cursos superiores. Estes não ignoram que um Corneille nasceu em Ruão, na rua de Pie; nem desconhecem o dia de seu nascimento, como também as datas da representação de suas peças. Saber, entretanto, como é construída uma tragédia, o que vem a ser, no teatro, "ação", "caráter" etc., ninguém sabe. O ensino se reduz ao excesso das minúcias históricas, em detrimento da arte literária. É o que lamentavelmente vem sucedendo nas nossas escolas secundárias, onde a biografia exaustiva ainda é a única base dos conhecimentos literários de nossos escolares. Mesmo a arte literária, muitas vezes ministrada por professores que não dispõem da necessária preparação nesse campo, ainda palmilha a rotina encarquilhada dos compêndios de retórica do século XVIII. Os gêneros literários, por exemplo, ainda são aquelas entidades que preexistem à elaboração artística, como se foram realidades absolutas e *a priori*. Estamos, pois, sob o império das velhas preceptivas clássicas, que são válidas para o caso especial daquela escola. Hoje, que o fenômeno literário já está com tantos dos seus mistérios devassados, se torna imprescindível uma reforma da didática da literatura, para que não se verifique aquilo a que vimos assistindo nos vestibulares das escolas superiores, para onde se dirige o estudante que desconhece o fenômeno literário nos seus aspectos mais simples, a par de ausência completa de leitura.

O livro do abade Vincent, conquanto não seja uma exposição completa da teoria dos gêneros literários (porque muitos aspectos da questão não foram examinados, nem aproveitadas as conquistas do Congresso Internacional de História Literária Moderna, realizado em Lião em 1939), está incontestavelmente acima dos trabalhos de Antóine Albala, porque Vincent dispõe de erudição, capacidade didática e espírito crítico. As obras daquele dão-nos sempre uma impressão de rapsódias bem cozidas de um fichário que o longo discorrer dos anos preparou.

Conquanto afirme o autor haver aproveitado os últimos resultados da crítica moderna, não demonstra haver conhecido os trabalhos levados a efeito pelos congressistas de Lião. Ora, não se justifica que em sua pátria Vincent desconheça os progressos da teoria dos gêneros literários. Embora a metralha germânica malbaratasse a ultimação dos trabalhos do Congresso em 1939, mui-

ta coisa atingiu a sua realidade, muitas teses foram discutidas e tantas outras controvérsias levantadas. Mas ésses progressos da arte literária não invadiram a obra do abade Vincent, muito menos a de Mário Fubini, que, num *symposium* sobre os problemas e orientações críticas de língua e literatura italianas (in *Tecnica e Teoria Letteraria*, Milão, 1948), dissertou com grande conhecimento de causa sobre a "Genesi e storia dei generi letterari" (págs. 161-237).

É para admirar que ainda na Europa se desconheçam os pontos de chegada dos notáveis congressistas de Lião, quando em nossa Faculdade, há quase 10 anos, a cadeira de Literatura Portuguesa vem tornando familiar aos seus alunos essas conquistas da ciência moderna da literatura. A teoria dos gêneros literários do abade Vincent está ainda comprometida com as idéias de Brunetière, que hoje estão superadas, embora o discípulo de Darwin tenha trazido uma grande contribuição para o estudo dos gêneros literários e se tenha batido por um tratamento científico da matéria. Os gêneros não são — como pretendia Brunetière — realidades objetivas como são as realidades do mundo natural. Por isso mesmo, uma das teses mais importantes do Congresso de Lião foi a do crítico húngaro Johan Hankiss, que defendeu a base psicológica dos gêneros literários. O gênero, embora evolução, não possui uma vida própria, porque o seu destino está equacionado à sensibilidade do artista e às variações da moda. Não é um ser vivo, que nasce, cresce, atinge a sua plenitude e decai; mas filho do mais profundo subjetivismo humano. Charles Lalo pecou também pelo excesso com que acreditou na influência dos fatôres anatômicos na transformação e na distinção dos gêneros literários. Para ele o destino deste fenômeno literário está sob a influência quase exclusiva dos fatos sociais.

Didático, rico de idéias pessoais, o trabalho de Vincent, senão vertido, devia servir de modelo para a elaboração de um congênere em língua portuguesa, para atender a uma necessidade do ensino no curso colegial e mesmo nos cursos superiores de letras. Está claro: não seria uma tradução, porque o arcabouço doutrinário deveria passar pelo sopro flamíneo de um fôrno de revérbero: os pontos de chegada da moderna ciência da literatura.

S. SPINA.

---

FREIRO (Eduardo). — *Como era Gonzaga?* Publicação da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1950. 73 pp.

Vem esta brochura de 73 páginas tentar o restabelecimento do verdadeiro retrato de Gonzaga através de depoimentos contemporâneos e de raras notas autobiográficas, colhidas nas poesias do famoso Dirceu. Dificilmente se convencerão os leitores de que este seja o verdadeiro retrato de Gonzaga porque não há verdade capaz de destruir o que a imaginação criou e a lenda consagraram definitivamente. Além disto, aquêle perfil padecente e romântico do verdadeiro amante de Marília foi criado espiritualmente, através das impressões literárias de sua obra e este, que ora nos dá E. Frieiro, é feito das notas materiais, físicas, somáticas, — sendo impossível conciliá-las. O talento transfigura os corpos e que mais disformes que sejam, aparecem transformados ante os olhos do espírito. Júlio Ribeiro foi um dos homens mais feios do seu tempo e casou-se, já velho, viúvo e pobre, com Dona Belizária, a mais bela paulista da época. Perguntando-lhe eu como fôra possível tal casamento, explicou-me Dona Belizária muito simplesmente: Júlio quando falava, tinha tanto talento que se tornava o homem mais bonito do mundo! Assim se passou com Gonzaga: podia ter sido barrigudinho, atarracado, de estatura meã, bastante calvo, vaidoso e preocupado com nuguices de trajes e ademanhes, como nô-lo descreve Frieiro; mas as suas liras, o seu doloroso romance, a sua imaginação o transformam aos nossos olhos em excelsa figura que nenhum esforço histórico, em-